

ENCANTO

EM CARTAZ NO GUGGENHEIM EM NOVA YORK E COM OUTRAS DUAS MOSTRAS SOLO PROGRAMADAS PARA ESTE ANO, BEATRIZ MILHAZES RECEBEU *VOGUE* EM SEU ATELIÊ NO RIO, DE ONDE COMANDA SUA HIPNOTIZANTE E MUNDIALMENTE ACLAMADA PRODUÇÃO

A

Ao longo de suas quatro décadas de atuação, Beatriz Milhazes seduziu o mundo com suas obras hipnotizantes, que desafiam a percepção do olhar e transformam o mais gélido e hermético espaço expositivo em uma vibrante e colorida festa para os sentidos. Já tendo exposto nos quatro cantos do planeta e integrante dos acervos das instituições mais importantes do circuito das artes, como a Tate Modern, em Londres, e o Reina Sofia em Madri, assim como o Metropolitan em Nova York e o Pompidou em Paris, Beatriz hoje é considerada a artista brasileira em atuação mais importante da arte abstrata contemporânea nacional.

Nada disso, no entanto, a tira do seu epicentro: o ensolarado ateliê no Jardim Botânico, no Rio de Janeiro, de onde comanda sua prolífica produção – e de onde garante que não quer sair de jeito nenhum. “Minha carreira internacional nunca foi uma coisa prevista, do tipo ‘vamos fazer uma carreira lá fora’. Foi algo que surgiu e foi evoluindo. Mas, realmente, quando comecei a expor no exterior, ficou cada vez mais forte essa questão do que me atraía a retornar ao Brasil”, conta Beatriz enquanto me recebe em uma das três casas da vila operária remanescente da época em que fábricas têxteis povoavam o bairro, na virada do século 19 para o 20, e que compõem seu espaço de trabalho. “Aqui, tenho esse universo da

ABSTRATO

POR NÔ MELLO FOTOS BRUNA SUSSEKIND
STYLING BRUNA CIDADE

natureza, o conforto de toda essa iluminação, estou perto da praia. Considero isso muito importante. E, obviamente, voltar para casa, que, para mim, é o Rio”, completa a artista, em cartaz com a mostra *Rigor and Beauty*, no Guggenheim em Nova York, onde apresenta um grupo de 15 trabalhos, entre pinturas e colagens, que vão de 1995 até 2023, dentre elas cinco pertencentes à coleção do museu e nunca antes exibidas.

Esta, aliás, é a primeira apresentação solo de Beatriz no museu nova-iorquino. “Essa mostra vem com um sabor a mais. Vai ser importante trazer um pouco da energia positiva que o meu trabalho tem neste momento tão conturbado dos Estados Unidos”, pondera Beatriz. A mostra em Nova York, em cartaz até setembro deste ano, “cria um diálogo visual entre diferentes fases minhas”, segundo a artista, e vem na esteira de sua participação na Bienal de Veneza em 2024 no Pavilhão de Artes Aplicadas, em parceria com o Victoria and Albert Museum, e da retrospectiva na Tate St Ives, na Inglaterra. Como se não bastasse, Beatriz ainda tem outras duas exposições em 2025: uma no Rio, na Casa Roberto Marinho, em setembro, e outra na White Cube, galeria que a representa em Londres, em novembro. “Este ano começou com tudo. São boas questões para se conviver”, diz modestamente.

Se a obra de Beatriz chama a atenção do mundo pela deslumbrante experiência sensorial que oferece, as cifras milionárias que seu trabalho alcança igualmente impressionam. Sua tela *O Mágico* (2001) foi vendida na Sotheby’s em 2008 por US\$ 1,049 milhão – recorde para a arte brasileira que ela mesma superou, com *Meu Limão* (2000), vendida em 2012 (na filial nova-iorquina da casa de leilões) por US\$ 2,098 milhões, fazendo dela na época a artista brasileira viva mais cara da história. Em 2016, uma tela de sua autoria foi arrematada por US\$ 4 milhões na SP-Arte, batendo novamente todos os seus recordes. Mas, para Beatriz, a estrada segue seu curso, independente das recompensas que o mercado de arte possa lhe oferecer. “Minha grande ambição sempre foi trazer uma inovação para o pensamento da arte abstrata. E continua sendo, porque sei que cheguei a um nível, mas isso não tem fim”, dispara.

Nascida em 1960 no Rio de Janeiro, Beatriz cresceu em Copacabana, foi professora primária e cursou jornalismo, até que ingressou na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, onde se formou em 1983 e, ao lado de Daniel Senise e Leda Catunda, veio

Aqui e na página seguinte,
Beatriz Milhazes posa
com moldes utilizados no
processo de suas pinturas,
em seu ateliê no Jardim
Botânico, no Rio de Janeiro.
Beatriz veste camisa
ANDREA MARQUES





Beatriz usa vestido, acessórios e sapatos do acervo pessoal. Ao fundo, as obras *Memórias do Futuro I* (2022) e *Ballet em Diagonais* (2019).



Beatriz Milhazes, no seu ateliê,
em ambiente dedicado à pintura,
veste look do acervo pessoal.
Na página ao lado, Beatriz, com
seus pincéis, veste blusa MIXED

ASSISTENTE DE FOTO:
Flávio Marques. PRODUÇÃO
EXECUTIVA: Déia Lansky. BELEZA:
Gabrielle Cardoso. TRATAMENTO
DE IMAGEM: Victor Wagner



a se tornar um dos nomes de maior destaque da Geração 80, que trouxe a pintura de volta às atenções do circuito das artes de então. “Querida ser colunista, mas acabei me desencantando. Minha mãe sugeriu que eu estudasse artes visuais. Fui e me encontrei. Nunca mais olhei para trás, nem para o lado”, recorda com humor.

Dona de uma obra fortemente marcada pela colagem, que a princípio aparece com o uso de materiais diversos, como papéis de bala, chitão, lamê, e pelo emprego da cor, de geometrismos e motivos ornamentais, em 1989, Beatriz desenvolveu a técnica que viria a ser sua marca registrada a partir de então. Batizada pela própria de “monotransfer”, a artista inicia seu meticuloso processo pintando diferentes formas em folhas de plástico transparente. Depois, decalca ou transfere o elemento pintado e seco à tela, um por um, construindo composições abstratas através do arranjo individual desses motivos. “Isso foi um momento realmente muito importante, porque se abriu uma porta enorme para a minha criação”, revela. “Essa técnica me permite manter a intensidade das cores e com uma textura lisa, como se tivesse um filtro entre a minha mão e o momento em que ela é colada sobre a tela”, aponta.

Ainda que percorra diferentes plataformas, como colagem, gravura, escultura e arte têxtil em sua obra, a pintura é, confessadamente, o fio condutor do seu trabalho. Entre suas principais influências estão figuras do modernismo brasileiro (como Tarsila do Amaral e Burle Marx) e expoentes do modernismo europeu, em especial Henri Matisse e Sonia Delaunay. “Me sinto como uma cientista porque estou sempre introduzindo dados para criar uma reação em cadeia que vai evoluir visualmente para uma outra questão”, reflete Beatriz sobre sua prática, que ganhou o mundo nos anos 90 eclodindo com sua participação na Bienal de Veneza de 2003, quando representou o Brasil ao lado de Rosângela Rennó.

Muito da riqueza imagética da obra de Beatriz bebe diretamente de uma fonte muito familiar e celebrada: o Carnaval. “A exuberância inacreditável de confrontos quase selvagens, o embate cromático que o Carnaval sempre proporciona, isso é de uma riqueza inalcançável”, celebra a artista, que já foi homenageada pela Paraíso do Tuiuti em 2017, mas se diz mangueirense de coração. “Quando penso verde e rosa, me dá uma motivação”, confessa ela, que já trabalhou com artesãos da Imperatriz Leopoldinense e da Grande Rio criando cenários para a Marcia Milhazes Companhia de Dança, de sua irmã, como a série *Gamboá*, que ganhou os museus do mundo todo. “Ela tem uma dinâmica quase espiritual”, diz sobre a obra.

Amiga pessoal de Christian Lacroix e fã confessa de Emilio Pucci, na hora de se vestir, surpreendentemente, Beatriz se define como “uma pessoa meio clássica, com um lado de ecleticismo”, comenta. “Não sou seguidora das últimas modas. Gosto de me manter dentro do meu universo de escolhas. Isso é muito importante, que a roupa tenha uma relação com aquilo que você é, como você se sente e quer aparecer naquele momento.” E apesar das idas e vindas ininterruptas mundo afora, Beatriz conta que gosta mesmo é de uma boa rotina. “Preciso de ordem para relaxar. As pessoas falam: ‘Ah, não, rotina é ruim’. Mas ordem e rotina me relaxam”, confessa. “Tenho uma rotina bem sólida. É claro que ela inclui viagens, encontros, exposições, mas tudo isso é rotina, mesmo que as pessoas não percebam assim”, defende. “Mas sempre tento desmistificar essa questão em torno do artista. Não é que eu não seja vaidosa, mas, ao mesmo tempo, nunca perco a noção de que sou um ser humano como outro qualquer.” *

*“Minha grande AMBIÇÃO
sempre foi trazer uma
INOVAÇÃO para o pensamento
da ARTE ABSTRATA.
E continua sendo, porque sei que
cheguei a um nível, mas isso
NÃO TEM FIM”*

- Beatriz Milhazes

